

14/6/1986

Testemunhas dizem que foi o PT. Depois, desmentem tudo e desaparecem.

As duas principais testemunhas dos crimes de Leme, os motoristas Orlando de Souza e José Henrique Cafasso, estão desaparecidas da cidade. Ambos revelaram, em depoimento à polícia, terem visto que os tiros que deram início ao conflito partiram do Opala azul em que viajavam membros do PT. Mas depois desmentiram essa versão. Agora, a polícia procura por eles para saber onde está a verdade.

No sábado, em entrevista à TV Cultura, Orlando de Souza negou ter visto os ocupantes do Opala atirarem no ônibus que ele dirigia e que transportava bóias-frias para a Fazenda Crisciumal, na periferia de Leme. Mas ele e José Henrique, também motorista e que viajava no mesmo ônibus, deram versões semelhantes quando foram depor na delegacia. Henrique confirmou, segundo a polícia, que os tiros partiram daquele automóvel e que aí é que começou o tumulto.

No inquérito sobre as mortes de Cibele Aparecida e Orlando Corrêa, já foram ouvidas oito testemunhas, segundo o delegado de Leme, João Batista Dias. Mas com o desaparecimento dos dois motoristas é provável que as investigações tomem novo rumo. O procurador-geral da Justiça, Paulo Frontin, já nomeou o procurador Francisco Viotti Bernardes para acompanhar o caso, e este já requisitou os laudos dos exames necroscópicos dos dois corpos.

Nesse ponto, o processo também pode se complicar porque a Santa Casa de Leme enviou à polícia três projéteis — um retirado do corpo de Cibele e dois encontrados em Jorge Quilllan e Antonio Quirino Lopes, bóias-frias que saíram feridos dos incidentes. Todos os projéteis são de calibre 38, um tipo de arma normalmente usada pela PM.

Casa Fechada

Desde que prestaram depoimentos confirmando a versão policial, os motoristas Orlando e José Henrique vêm sendo muito procurados na cidade. Na noite de sábado, estiveram na casa de Henrique oito jornalistas, acompanhados pelo candidato do PT ao governo do Estado, Eduardo Suplicy, e pelo advogado Luiz Eduardo Greenhalgh, que também é do PT e está trabalhando no caso.

A conversa durou aproximadamente uma hora, e Cafasso afirmou que apenas ouviu os disparos depois que o automóvel passou pelo ônibus, não sabendo, entretanto, de onde partiram. Em relação à sua suposta declaração à Polícia, ele disse que "se isso está lá, no depoimento, está errado. Destacando que não leu o depoimento, o motorista se comprometeu a voltar à delegacia ontem pela manhã para retificá-lo. Mas quando os repórteres e políticos voltaram à sua casa, ela estava fechada.

Todos se encaminharam então para a delegacia, onde o deputado Suplicy pediu que os investigadores de plantão chamassem o delegado-titular, João Batista Dias. Quando foi informado sobre o desaparecimento das duas testemunhas, Dias revelou que às 22 horas de sábado, recebeu em casa o telefonema de um policial dando conta de que José Henrique Cafasso estava na delegacia e queria falar com ele. Segundo o delegado, Cafasso disse, ao telefone, que havia sido procurado por "algumas pessoas", e ficou "preocupado", acrescentando que Orlando de Souza abandonara a cidade, e ele iria "fazer a mesma coisa".

João Batista Dias concordou em mostrar os depoimentos dos motoristas, o que permitiu a constatação de mais um ponto obscuro da versão oficial sobre o início do tiroteio: em nenhum

trecho Orlando e Henrique dizem que o Opala dos deputados "fechou" o ônibus, como afirmaram os policiais. Os dois afirmam, na verdade, que ao ser ultrapassado pelo automóvel, o ônibus já estava parado.

Sem ônibus

"É natural o homem estar assustado, com medo de vingança dos grevistas", comentou o delegado João Batista Dias ao saber que Orlando de Souza tinha desaparecido. Funcionário da Crisciumal há 17 anos, e pai de uma filha pequena, nem mesmo seus parentes sabiam dizer ontem para onde ele tinha ido. "Os turmeiros (motoristas dos ônibus responsáveis pelos cortadores de cana) estão com medo. Agora, enquanto o sindicato não der ordem ninguém vai tirar o Ônibus da garagem", disse José Benedito Barbosa, cunhado de Orlando, que também corta cana na usina há 15 anos. Benedito conta que os piquetes cercavam todas as saídas da cidade, não deixando nenhum caminhão passar. "Quando o caminhão tentava, eles atiravam pedras." O Orlando só foi levar os trabalhadores porque o dono da usina garantiu que pagaria "todos os danos que o ônibus sofresse".

Benedito acredita ainda que "vai sair muito quebra-pau, não vai ficar nisso não". O ônibus Mercedes-Benz, placas HP-6547, da usina Crisciumal, está parado na garagem da casa de Orlando, no bairro do Jardim Governador, periferia de Leme. O vidro da frente está estilhaçado, e três grandes pedras mostram as marcas da violência do dia anterior.

Ivonete Justino Santana, que mora ao lado da casa de Orlando, disse que o motorista da usina contou ao seu pai, Manoel Justino Santana, que viu o Opala atravessar à frente do ônibus, "e logo depois veio o tiro que ele não sabe de onde partiu". Ivonete conta que "Orlando é a mesma coisa que filho para seu pai". Ontem à noite, o motorista da usina esteve desabafando com o vizinho. "Dá até dó dele. Tá muito abatido", lamenta Ivonete.

Mais testemunhas

O delegado João Batista também estava nervoso. Considera natural o temor do motorista da usina. Mas garante ter mais três testemunhas que provam ter sido o primeiro tiro disparado pelo Opala. Só não quis fornecer seus nomes, "em virtude da situação". O delegado garante que as testemunhas estão entre os 43 passageiros do ônibus que tentavam entrar na Crisciumal para trabalhar.

Já o prefeito de Leme, Orlando Leme Santos, deve reunir-se hoje com o juiz da cidade, um representante do Ministério Público e os comandantes policiais da região, para pedir que a partir de agora os PMs só intervenham nas manifestações se houver violência por parte dos trabalhadores.